



# miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

## APREENDENDO A LÍNGUA EM DISCURSO: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL ENTRE LÍNGUA E SOCIEDADE



## APPREHENDING LANGUAGE IN DISCOURSE: AN INSEPARABLE RELATION BETWEEN LANGUAGE AND SOCIETY

Daiane NEUMANN  
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

André Rodrigues da SILVA  
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA  
RECEBIDO EM 10/10/2023 • APROVADO EM 26/04/2024  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1166>

---

### Resumo

---

Almejando expandir a discussão sobre a relação entre língua e sociedade, o objetivo deste artigo é refletir acerca da apreensão da língua em discurso. Para tanto, concebe-se como imprescindível que o processo de individuação se estabelece a partir da indissociabilidade entre língua e sociedade. Para levar a cabo essa discussão, este artigo busca amparo teórico na linguística de Wilhelm von Humboldt, especialmente em sua linguística do caráter, bem como naquela de Émile Benveniste, cuja leitura se ancora notadamente naquela proposta por Gérard Dessoins, em *Émile Benveniste, l'invention du discours*.

Consequentemente, busca-se, aqui, para além da expansão dessa discussão, aproximar a reflexão acerca da relação entre língua e sociedade proposta por esses dois pensadores.

---

## Abstract

---

Seeking to expand the discussion about the relation between language and society, the aim of this article is to reflect about the apprehension of language in discourse. To this end, it is conceived as essential that the process of individuation is established from the inseparability between language and society. To conduct this discussion, this article seeks theoretical support in Wilhelm von Humboldt's linguistics, especially in his linguistics of character, as well as in Émile Benveniste's linguistics, anchored notably in the reading proposed by Gérard Dessons, in the book *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Consequently, we seek here, in addition to expanding this discussion, to bring closer the reflection on the relation between language and society proposed by these two thinkers.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Língua. Sociedade. Caráter das línguas. Subjetividade.

**Keywords:** Language. Society. Character of languages. Subjectivity.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Na obra *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje Humano: y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad* (1990)<sup>1</sup>, Humboldt versa sobre o tema da língua e da sociedade em meio à investigação das línguas, sobretudo através das relações entre os indivíduos em sua nação. Ademais, Humboldt se preocupa em conceber na sua teoria o conceito de caráter da nação, na medida em que os sujeitos falantes, seja considerados como indivíduos, seja considerados como nação, se apropriam da língua e, ao fazerem uso dela, animam e conferem ao organismo que eles continuam a formar uma nova forma. A esse processo Humboldt chama de caráter (Trabant, 1992).

Segundo Humboldt, a língua, expressa pela voz de cada indivíduo, é particular de cada sujeito e partilhada com os outros ao mesmo tempo, pois “[e]l hombre individual está siempre en relación con una totalidad”<sup>2</sup> (Humboldt, 1992, p. 52). Tal constatação, por Humboldt, nos permite perceber que sua obra alavanca uma discussão acerca da relação entre língua e sociedade, língua e história. Essa discussão encontra ecos na obra de Émile Benveniste, no que tange propriamente à reflexão acerca da língua e da sociedade, sobretudo na leitura apresentada por Gérard Dessons. O que há em comum entre esses pensadores é que existe uma inter-relação entre língua e sociedade sempre presente e transversal.

Com isso, a consideração da língua e da sociedade, enquanto presentes em

---

<sup>1</sup> A obra utilizada para estudo e análise se trata de uma tradução realizada pela tradutora Ana Agud, publicada pela Editora Anthropos. O título original é *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, publicada em 1836.

<sup>2</sup> “O homem individual está sempre em relação com uma totalidade” (Tradução nossa).

relação de continuidade e na atividade da linguagem, auxilia a compreender as ações do sujeito em seu pleno exercício em comunidade. Porém, por mais que não seja possível falar de língua sem falar de sociedade, a maneira de organização de cada uma difere.

Émile Benveniste, no texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968)<sup>3</sup>, explicita as diferenças entre língua e sociedade sem separá-las, evidentemente. O linguista, portanto, afirma que a língua é aquela que rege, orienta e institui o que se constrói na sociedade. Ou seja, a partir dessa leitura, pode-se perceber que as ações do sujeito, as relações e as diversas maneiras de cada nação se portar diante dos processos de sociabilidade dependem da língua e evocam, na cultura, manifestações diversas que convergem com cada sociedade.

É a partir dessas posições teóricas, nessa articulação entre Humboldt e Benveniste que, nas próximas seções, introduziremos alguns questionamentos dos teóricos a fim de centralizar, em Humboldt, o caráter das línguas e a sua relação com a sociedade e os estudos de linguagem, e, em Benveniste, o processo de individuação, a partir da relação entre língua e sociedade.

### **A herança humboldtiana para uma discussão acerca da língua e da sociedade**

Ao discorrer acerca do caráter das línguas, Humboldt relaciona a sociedade e sua manifestação através da relação de alteridade entre os indivíduos. A relação é denominada de alteridade, pois o caráter das línguas para Humboldt constitui-se em uma sociedade e a partir daqueles que nela partilham suas experiências. Por conta disso, podemos observar, em Humboldt, a discussão acerca de língua e sociedade, presente nas reflexões sobre civilização, nação e cultura.

A respeito da relação entre linguagem e indivíduo, linguagem e nação, Humboldt (1990), na seção *Consideraciones generales sobre la evolución de la humanidad*, afirma que a linguagem está correlacionada à “evolución espiritual de la humanidad”<sup>4</sup> (Humboldt, 1990, p. 27) e “acompaña en cada etapa de su progresar o decaer aquí y allá, y en él se reconoce el grado de cultura alcanzado en cada instante” (1990, p. 27). Humboldt, com isso, parte da noção de espírito para discutir sobre a relação entre o homem e a linguagem:

Pues el lenguaje nace de lo más profundo de la humanidad, y esto mismo prohíbe en todo tiempo y lugar tenerlo realmente por obra y creación de los pueblos. Le es propia una actividad que nace de él mismo, que se ofrece a nuestros ojos con toda evidencia, pero cuya esencia no admite explicación, de modo que, visto desde este lado, el lenguaje no es producto de la actividad del hombre sino una emanación espontánea del espíritu; no es obra de las naciones sino un don que les ha sido otorgado por su propio destino interior<sup>5</sup>. (Humboldt, 1990, p. 27)

<sup>3</sup> Data da publicação original do texto, posteriormente publicado em Benveniste (2006 [1974]).

<sup>4</sup> “evolução espiritual da humanidade”; “acompanha em cada etapa de seu progredir ou decair aqui e acolá, e nela se reconhece o grau de cultura alcançado em cada instante” (Tradução nossa).

<sup>5</sup> “Pois a linguagem nasce do mais profundo da humanidade, e isso mesmo proíbe em todo tempo e lugar tomá-la como obra e criação dos povos. É-lhe própria uma atividade que nasce dela mesmo, que se oferece a nossos olhos com toda a evidência, mas cuja essência não admite explicação, de modo que

Contudo, não há, como se poderia sugerir, oposição entre o interior e o exterior em Humboldt (1990), na medida em que, para o filósofo, a origem de tudo é interior: a sensibilidade, o desejo, a ideia, a resolução, a linguagem e a ação. Quando o interior entra em contato com o mundo, no entanto, começa a ter efeito sobre este último e exerce uma determinação sobre ações alheias a ele mesmo, tanto internas como externas.

O homem individual está sempre em relação com uma totalidade, seja de sua nação, do tronco ao qual pertence, do conjunto da espécie. Ou seja, a sua vida está sempre vinculada à socialidade, e há, portanto, confluência entre o ponto de vista externo e o ponto de vista interno.

O nexu, para Humboldt (1990), que une o indivíduo com o conjunto de sua nação repousa na força do espírito que determina todo pensamento, sentido e vontade. No entanto, a linguagem se relaciona com tudo que essa força contém, tanto com a totalidade como com o individual. Nada aí pode ser tomado como alheio a essa força e, portanto, à linguagem.

A linguagem, para Humboldt, é atividade, uma atividade que mantém unidos indivíduo e nação, na medida que os constitui. Assim esse processo criador do espírito se estabelece a partir da união entre conceito e som. Segundo o filósofo:

Concepto y sonido, unidos entre sí de una manera apropiada a su verdadera esencia y sólo reconocible en el hecho mismo de la unión, son proyectados hacia fuera como palabra y discurso, y con ello se crea entre el mundo exterior y el espíritu algo que es distinto de uno y otro<sup>6</sup>. (Humboldt, 1990, p. 270).

A construção de uma nação, através das relações intersubjetivas, depende do processo comunicativo e advém do que conhecemos do percurso da língua e do seu uso. Humboldt (1990), na seção *Carácter de las lenguas*, salienta a importância de tratarmos sobre as questões das estruturas gramaticais da língua, porém, esse estudo e essa tomada de discussão estrutural desemboca na atividade do sujeito, conectada ao sentido e ao uso dessa forma gramatical na constituição dos novos atos discursivos.

Essa relação estreita entre o que seria do domínio interno e do domínio externo, ou seja, a indissociabilidade entre língua e sociedade, pode ser notada na reflexão do filósofo, quando propõe que as línguas, em sua condição de instrumento, adquirem um caráter tão determinado que acabam se tornando o indício mais claro e reconhecível do caráter da nação, mais do que os costumes, os usos e os gestos (Humboldt, 1990).

---

vista deste ponto de vista, a linguagem não é o produto da atividade do homem, mas uma emanção espontânea do espírito; não é obra das nações, mas um dom que lhes foi outorgado pelo seu próprio destino interior” (Tradução nossa).

<sup>6</sup> “Conceito e som, unidos entre si de uma maneira apropriada a sua verdadeira essência e só reconhecível no fato mesmo da união, são projetados para fora como palavra e discurso, e com isso se cria entre o mundo exterior e o espírito algo distinto de um e de outro” (Tradução nossa).

A articulação entre língua e nação também se tece a partir das relações intersubjetivas destacadas pelo filósofo. Humboldt (1990) descreve, com profundidade e sensibilidade, o encontro com o outro, bem como a busca, quase inevitável, pelo outro, que se processa via linguagem:



El sonido articulado escapa del pecho y busca despertar en otro individuo una resonancia que retorne al oído. Con ello el hombre hace al mismo tiempo el descubrimiento de que existen junto a él otros seres con necesidades internas iguales a las suyas, y por ello capaces de salir al encuentro de las múltiples aspiraciones y añoranzas contenidas en sus propias sensaciones. Pues la intuición de una totalidad y la búsqueda urgente de la misma acompañan inmediatamente al sentimiento de la individualidad, y se hacen más agudas a medida que éste se incrementa, ya que en verdad el individuo porta en sí el ser conjunto de la humanidad entera, sólo que en una única vía de posible desarrollo. No tenemos ni la más remota noción de una conciencia que no sea la individual; pero esa búsqueda, y el germen de una nostalgia inextinguible puesto en nosotros por el concepto mismo de la humanidad, no permiten ahogar la convicción de que la individualidad discreta no es sino una manifestación de existencia condicionada de los seres dotados de espíritu<sup>7</sup>. (Humboldt, 1990, p. 53)

Após destacar esse processo de descobrimento do um, via relação com o outro, da latência da totalidade, da humanidade, da nação, no indivíduo, ou seja, da latência do outro no um; Humboldt (1990) segue sua reflexão, apontado como esse movimento se processa através da relação entre som e conceito. Assim, cada um “roza en el outro el mismo eslabón en la cadena de sus representaciones sensibles y de sus producciones interiores de concepts”<sup>8</sup> (Humboldt, 1990, p. 218), pois cada um “pulsa en el otro la misma cuerda de su instrumento espiritual, con lo que en cada uno surge un concepto correspondiente, pero no el mismo.”<sup>9</sup> (Humboldt, 1990, p. 218) Por isso, diversos indivíduos confluem, a partir dessas limitações e divergências, na mesma palavra. A palavra, dessa forma, articula o particular e a

---

<sup>7</sup> “O som articulado escapa do peito e busca despertar no outro indivíduo uma ressonância que retorne ao ouvido. Com ele, o homem faz ao mesmo tempo o descobrimento de que existem junto a si outros seres com necessidades internas iguais às suas, e, por ele, capazes de sair ao encontro das múltiplas aspirações e saudades contidas em suas próprias sensações. Pois a intuição de uma totalidade e a busca urgente pela mesma acompanham imediatamente o sentimento da individualidade e se fazem mais agudas, à medida que este se incrementa, já que, em verdade, o indivíduo porta em si o ser conjunto da humanidade inteira, mas em uma única via de possível desenvolvimento. Não temos nem a mais remota noção de uma consciência que não seja individual; mas essa busca e o germe de uma nostalgia inextinguível, postos em nós pelo conceito mesmo de humanidade, não permitem asfixiar a convicção de que a individualidade discreta é somente uma manifestação de existência condicionada dos seres dotados de espírito.” (Tradução nossa)

<sup>8</sup> “toca no outro o mesmo elo na cadeia de suas representações sensíveis e de suas produções interiores de conceitos” (Tradução nossa)

<sup>9</sup> “pulsa no outro a mesma corda de seu instrumento espiritual, com o qual em cada um surge um conceito correspondente, mas não o mesmo” (Tradução nossa)

totalidade, na medida em que deixa ecoar e indissociabilidade entre os dois domínios.

Esse movimento de reflexão teórica operado por Humboldt é sintetizado por Trabant (1992), quando afirma que ao dar uma forma material às “ideias” (Humboldt teria utilizado “porções” de pensamento), nas palavras materiais, nos significantes, a linguagem cria, da mesma forma que a arte, algo que, tendo sido produzido pelo eu, é ao mesmo tempo sujeito e mundo, sem que isso signifique que a realidade deva ser “devorada”.

A língua, assim, em Humboldt (1990), se forma no falar, no sentido de expressar ideias e sensações. Dessa forma, a maneira de pensar e de sentir de um povo confere a sua língua seu colorido e caráter, atuando sobre ela desde o começo. Por isso, conforme pontua Trabant (1992), a finalidade da língua é o discurso, o que somente pode ser observado nos textos, pois é neles que os indivíduos dão à língua sua finalidade. Nos discursos e textos é que se pode apreender a língua como finalidade.

### **A herança benvenistiana para a relação língua e sociedade**

No texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), Émile Benveniste apresenta relações entre as entidades língua e sociedade. Para tanto, o linguista evoca conceitos que já acompanhamos em outros textos como *Da subjetividade da Linguagem* (1958)<sup>10</sup> e *Natureza dos pronomes* (1956)<sup>11</sup>, a fim de colocar que ambas as entidades estão na linguagem, e essa linguagem “é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem” (Benveniste, 2006, p. 93).

Ao acompanharmos a teorização ao longo dos seus textos, Benveniste alastra a discussão da subjetividade, a fim de elucidar que, para que o sujeito se proponha e proponha o outro na instância do discurso, é necessário que se tenha uma relação intersubjetiva na e pela linguagem. Essa relação intersubjetiva se dá, assim como é possível perceber em textos da seção *O homem na língua*, do *Problemas de Linguística Geral I*, através da relação pronominal do eu-tu<sup>12</sup>.

Com isso, Benveniste é direto ao colocar a linguagem como aquela que contém as relações e as manifestações que se constituem ao longo do tempo e da história. A sociedade, portanto, se sustenta por conta dessas manifestações, desses signos da comunicação que são utilizados pelo sujeito, a fim de construí-la. Tal

---

<sup>10</sup> Data da publicação original, texto publicado posteriormente em Benveniste (2005 [1966]).

<sup>11</sup> Data da publicação original, texto publicado posteriormente em Benveniste (2005 [1966]).

<sup>12</sup> Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), Benveniste inicia o seu trajeto de reflexão sobre os pronomes pela discussão acerca da forma e do sentido da língua. Segundo Benveniste, “há sempre três pessoas e não há senão três [...] É preciso, portanto, procurar saber como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda a sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as diferencia” (BENVENISTE, 2005, p. 248). O entendimento sobre “como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras” pode ser pensado no entremeio língua/sociedade. A diferença entre as categorias apresentadas pelo autor nessa seção do PLG I demonstra as relações pronominais como fatores constitutivos de sociabilidade através do contraste que há entre as duas primeiras pessoas (*eu-tu*), a propósito de uma terceira pessoa (o *ele*). Por essa via, a língua se estabelece como interpretante da sociedade, como propõe Benveniste em seus escritos do segundo PLG (2006).

construção não seria possível se não fosse o uso da língua. Por conta disso, Benveniste afirma que:

A linguagem é dada na sociedade. Assim, cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra. Pareceria que se pudesse e mesmo que se devesse estudá-las em conjunto, descobri-las em conjunto, uma vez que em conjunto elas nasceram. Pareceria também que se pudesse e mesmo que se devesse encontrar de uma à outra, da língua à sociedade, correlações precisas e constantes, uma vez que uma e outra nasceram da mesma necessidade (2006, p. 93)

As correlações que Benveniste menciona nos levam ao texto de 1956, que auxilia no aprofundamento da discussão acerca do processo de individuação. No texto *A natureza dos pronomes* (1956), Benveniste discorre sobre as correlações de pessoa e de que maneira a tríade pronominal (*eu-tu/ele*) se encontra dentro da linguagem. O uso do *eu* permite que o sujeito encontre o seu espaço na enunciação do discurso; e o valor do *eu*, na instância do discurso, só é reconhecido quando é produzido, e a sua relação com o outro, o *tu*, é o que dita a alocação e a marcação dessa correlação.

Além disso, Benveniste discute acerca da não-pessoa, o *ele*, que “representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa” (Benveniste, 2005, p. 282). A não-pessoa, portanto, é uma posição discursiva e oposição à pessoa que enuncia (*eu*). Assim sendo, a comunicação na linguagem só é possível quando se têm as formas linguísticas na expressão da linguagem entre os sujeitos.

Dez anos depois, no texto de 1968, Benveniste edifica sua teorização ao propor que tanto as formas quanto as manifestações do sujeito na sociedade se correlacionam, a saber, através da reversibilidade entre um *eu* e um *tu*. Por mais que língua e sociedade estejam em funcionamento e em uma constante relação, elas possuem sistemas diferentes, formas e maneiras diferentes de modificar-se ao longo da história. A língua orienta, além de instituir o que existe na sociedade, sobretudo porque o seu uso é feito pelo sujeito na sociedade. Esse processo intersubjetivante, esse processo de individuação que se estabelece em todo e qualquer ato discursivo, estabelece, portanto, relação entre língua e cultura.

Em consonância com o que está proposto em Benveniste, Dessons (2006) afirma que a enunciação é um ato evanescente, colocando a língua como aquela que se precipita constantemente através dos processos de individuação. A partir dessa perspectiva o autor afirma:

Le langage n'est donc pas un produit a posteriori de l'état de société, mais son principe même. [...] C'est donc en un sens particulier qu'on peut énoncer que 'langue et société ne se conçoivent pas l'une sans l'autre'. Cette formulation implique en effet le caractère spécifique du langage humain, qui se réalise à travers une langue, avec toute la dimension énonciative qui lui est exclusivement attachée. Il y a ainsi, liée à la nature de la langue, une condition sociale spécifique de l'humain: elle rend



Precipita-se o sujeito na sociedade porque a correlação de pessoa, conforme proposta por Benveniste em sua discussão pronominal, é o que faz com quem o sujeito tome um lugar pelo ato enunciativo. Ou seja, é por meio da e na linguagem, atrelada ao ato enunciativo realizado pela reversibilidade entre o *eu* e o *tu*, que o sujeito se encontra na instância do discurso, na historicidade.

Para Dessons, a enunciação e a historicidade estão em constante fluidez por encontrarmos, na instância do discurso, o sujeito que sempre se *re-nova* e se *re-constitui*. Dessons discute sobre uma "réintroduction de la 'troisième personne' dans le champ de la discursivité"<sup>14</sup> (Dessons, 2006, p. 166). Essa *réintroduction* refere-se ao fato de que a terceira pessoa, o *ele*, é posto fora da instância discursiva, Benveniste, contudo, no texto de 1946, afirma que a tríade pronominal se constitui pelo *eu*, *tu* e *ele*. Logo, essa reintrodução é o que torna possível as relações entre os sujeitos na sociedade, pois o espaço do *eu* e do *tu* é delimitado pelo *ele*.

Segundo o teórico, a significação é a possibilidade para a construção de ideias, daquilo que está sendo produzido e que floresce desse uso linguístico, proporcionando assim novas ideias, a partir da compreensão desses novos sentidos. Essa *invention*, passível de *re-novação*, é o ato de criar novamente dentro do discurso, fazendo com que seja sempre renovada. É a linguagem observada em seu fluxo que está em questão.

Sobre o prefixo *re*, pode-se afirmar que ele é utilizado justamente para se destacar essa nova inserção do sujeito na sociedade, de um ato que se renova a cada uso da linguagem. A fim de corroborar com o que Dessons afirma sobre enunciação, a partir de Benveniste, Neumann (2021) pontua que "a enunciação não pode mais ser concebida como um produto da história, na medida em que é a enunciação que produz a história" (Neumann, 2021, p. 228).

Por fim, é importante ressaltar que Dessons (2006), ao retomar Benveniste, propõe que a linguagem versa justamente sobre os índices de dêixis, e isso significa, portanto, um novo olhar sobre o que conhecemos acerca da linguagem, sobretudo no que tange à relação entre língua e sociedade. A constituição do sujeito, em relação intersubjetiva, se dá na e pela historicidade discursiva.

## Considerações finais

Neste trabalho partiu-se de uma reflexão sobre questões pertinentes aos teóricos escolhidos para estabelecer um diálogo entre língua e sociedade. Benveniste e Humboldt versam em suas teorias sobre língua e sociedade para

---

<sup>13</sup> "A linguagem não é, portanto, um produto a posteriori do estado da sociedade, mas seu princípio mesmo. [...] É, portanto, em um sentido particular que podemos afirmar que 'língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra'. Essa formulação implica, de fato, o caráter específico da linguagem humana, que se realiza por meio de uma linguagem, com toda a dimensão enunciativa que lhe é exclusivamente vinculada. Existe, assim, ligada à natureza da linguagem, uma condição social específica do ser humano: ela torna inseparáveis o devir do indivíduo e o da comunidade" (tradução nossa).

<sup>14</sup> "Reintrodução da 'terceira pessoa' no campo da discursividade" (tradução nossa).



pensar na forma como se constituem um e outro, através do ato de linguagem, tomado como um processo de individuação. Na esteira de Benveniste, Dessons (2006) busca trabalhar sob a perspectiva de uma *invention*, ou seja, da linguagem enquanto ato de criação, em que a partir das relações intersubjetivas, sujeito e sociedade se constituem mutuamente em um infinito de significação.

Conforme se pode perceber, em Humboldt, essa discussão se estabelece a partir da reflexão acerca do caráter das línguas, do caráter das nações. Ora, a discussão acerca do caráter das línguas, do caráter das nações somente pode ser estabelecida ao se relacionar língua e nação. É a língua que constitui e constrói o que se compreende como nação. É a partir do testemunho de uma língua, para Humboldt, que se pode compreender o caráter de uma nação.

A nação se tece, contudo, através das relações intersubjetivas que, para Humboldt, se constituem no uso da linguagem, que é também a busca pelo outro. Nesse encontro, é que se compreende que a globalidade ecoa na individualidade, que a alteridade é constitutiva da individualidade. Percebe-se, assim, uma relação estreita entre língua, nação e indivíduo, que se encontra latente ao se observar a língua enquanto discurso.

A proposta de Benveniste, sobretudo nos textos de 1956, 1958 e 1968, colocam o sujeito como efeito de linguagem, que se reconhece através do contraste com o outro. Ou seja, é no e pelo ato enunciativo que o homem conhece a si e conhece ao outro, a partir da reversibilidade entre um *eu* e um *tu*. Encontrando-se na e pela linguagem, o homem faz com que a sua palavra seja um motor que convoca o outro na constituição da sociedade. Ademais, é a língua, como interpretante da sociedade, que faz com que essa sociedade se torne significativa.

Com Dessons (2006), percebe-se que a *reinvenção* do homem na sociedade está ligada à historicidade da linguagem que, de maneira sempre renovada, faz com que o sujeito se *reatualize* na instância do discurso. Assim, consoante com Benveniste, Dessons (2006) propõe que não é possível separar a língua do homem, pois estaríamos separando o homem e a história. Os atos da linguagem constituem os homens e a sociedade ao mesmo tempo, deve-se a isso a constatação de que o ato de linguagem é um ato ético e político.

A relação entre língua e sociedade é um tema cada vez mais constante no domínio dos estudos da linguagem, já que as teorias de texto e de discurso buscam uma aproximação maior com o estudo da linguagem a partir da empiricidade do discurso. Este texto é um convite para o início de uma reflexão que julgamos pertinente, qual seja, de buscar discutir acerca dessa relação, tomando a sociedade não como globalidade, mas em processo de construção e de constituição que se estabelece a cada ato de individuação. A língua enquanto discurso apresenta-se como um *lócus* frutífero para investigar esse processo de constituição mútua.

---

## Referências

---

ÉMILE, Benveniste. Natureza dos pronomes (1956). In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005 [1966]. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

ÉMILE, Benveniste. Da subjetividade na linguagem (1958). In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005 [1966]. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

ÉMILE, Benveniste. Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006 [1974]. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Press, 2006.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Tradução Ana Agud. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Ensaio sobre língua e linguagem* [recurso eletrônico]. Trad. Hans Theo Harden, Orlene Lúcia de S – Uberlândia: EDUFU, 2021.

NEUMANN, Daiane. Émile Benveniste e a abertura para uma poética do discurso. In: SILVA FILHO, Jomson T. da. *(Re)leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

TRABANT, Jurgen. *Humboldt ou le sens du langage*. Editions Mardaga, 1992.

---

### Para citar este artigo

---

NEUMANN, Daiane; SILVA, André Rodrigues. Apreendendo a língua em discurso: uma relação indissociável entre língua e sociedade. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 73-82, jan.-abr. 2024.

---

### Autoria

---

**Daiane Neumann** é professora dos cursos de graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: [daiane\\_neumann@hotmail.com](mailto:daiane_neumann@hotmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7363-0375>.

**André Rodrigues da Silva** é doutorando em Texto, Discurso e Relações Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: [andresilva537@gmail.com](mailto:andresilva537@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3554-9605>.